

6.

NOVEMBRO · 2020

*Ponte de Lima:
do passado ao presente,
rumo ao futuro!*

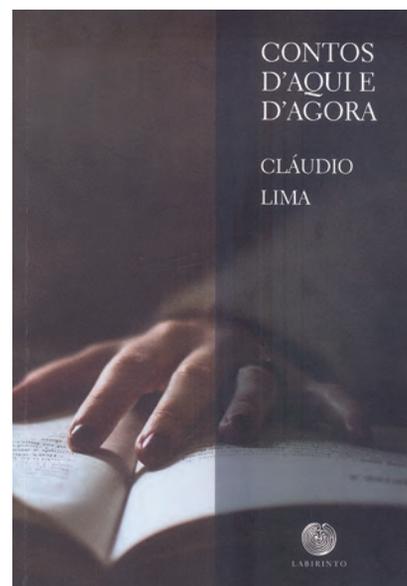


CLÁUDIO LIMA: ARTE E INTEGRIDADE OU O DOM DE NOS PRENDER E PREENCHER

JORGE TINOCO

Há autores cuja qualidade de escrita nos faz ir muito para lá da esfera da admiração. São homens e mulheres de quem nos tornámos incondicionais devotos, cada vez mais saciados, cúmplices e fortalecidos a cada religação ou releitura. Nunca nos defraudam nem nos fazem experimentar, por diminuta que seja, alguma vez a decepção. Por isso os revisitamos e nos revigoramos nesse maná do encontro – não como quem se agarra a um ritual que previne contra qualquer sensação de distância ou de vazio,

mas como autêntica comunhão que revalida a descoberta e confirma a terra fértil da aproximação sentida. São também esses autores que nos fazem assimilar melhor a Humanidade e que, pelo dom de tão magnanimamente a transmitirem nas suas angústias, fragilidades, alegrias, dramas e sonhos, dessacralizam a Literatura para a transformarem num fervilhar de vida igual à nossa, aos nossos anseios, dúvidas, ambivalências – igual, em suma, ao céu e ao chão que há em cada um de nós, pó e



prodígio de que somos feitos. É o pleno arrebatamento pela estética, fazendo jus ao étimo desta palavra enquanto arte de nos tocar os sentidos ou espicaçar sentimentos, umas vezes de enlevação poética, outras de bem temperado ardor erótico e outras até de raiva e ironia mordaz contra maleitas e infortúnios, querelas absurdas, as injustiças do mundo, as pequenas ou grandes hipocrisias do quotidiano, os maiores ou menores campos minados do preconceito e dos falsos moralismos vigentes. Vem tudo isto, como não poderia deixar de ser e como bem se adivinha, a propósito deste multifacetado Homem das Letras que é o Cláudio Lima. Porque o Cláudio Lima é precisamente uma dessas raras almas sensíveis que desperta com naturalidade em nós o prazer de estarmos e a vontade de a ele regressarmos, bebendo sempre um pouco mais do grande manancial e seiva dos seus livros. Nas várias obras e nos múltiplos gêne-

ros que exemplarmente domina, já nos habituou a encontrar fruição e saber, personagens peculiares, quadros variegados de exaltação etnográfica, costumes desaparecidos ou tradições em vias de extinção, enredos entroncando entre a mais dura realidade e a audácia mais libertadora, páginas e páginas de magia literária, com tiradas linguísticas e manifestações estilísticas de inigualável poder e beleza, consubstanciando muitos dos melhores textos escritos na nossa Língua. Textos que perdurarão, sem dúvida, indelévels no tempo, fulgurantes e cheios de interpelação e de mensagem, prodigiosos na forma e no conteúdo, tão atuais quanto a intemporalidade que os perpassa nos seus cenários de ruralidade ou de urbe, nos retábulos das nossas paisagens mais identitárias, nos aldeões a braços com a faina e os rituais das lides campestres, nos festejos dos regressos às raízes ou dos oragos paroquiais, no cortejo dos

simples e excluídos, nos marginais a coberto das novas delinquências das nossas cidadezinhas, nas transgressões e nas suas razões sociológicas, nos amores que desabrocham diferentes a cada época e em cada contexto quanto à materialização do afeto, nos encontros e desencontros, nos mais ou menos inocentes ajustes de contas, ou mesmo nas rememorações das trincheiras e dos campos de capim do ultramar.

Estamos, por conseguinte, perante toda uma obra ou um conjunto de obras de variadíssimos tons e atributos, nunca repetitiva, buscando temas que, mesmo que aqui e ali por vezes possam ser de algum modo levemente recorrentes neste ou naquele pano de fundo, nunca se decalam nem cristalizam, numa emanção de escrita esplendorosa, pujante, magnética, viciante, sempre irresistível e surpreendente, simultaneamente nutritiva e devoradora, dotada do dom de nos prender e preencher.

De modo que estamos sempre à espera e à espreita de quanto, fiel a esta riqueza, a esta diversidade e a esta fibra, nos possa trazer, a cada dobrar do calendário, o Cláudio Lima. E a espera não tem sido ingrata a esse nível. Desde “*Por aqui não é Passagem*” até a este mais recente “*Contos D`aqui e D`agora*”, temos sido sucessivamente bafejados – ao seu ritmo e no seu jeito discreto tão característico – com um conjunto de preciosos trabalhos, sejam de poesia, crônica e prosa, sejam de crítica literária ou de ensaística, que granjearam com todo o mérito palavras de recomendação e apreço por parte de alguns dos mais insígnis e insuspeitos vultos do nosso panorama literário e do nosso universo acadêmico.

Será, pois, com ousado atrevimento ou descarado abuso que eu, pobre escrevente de segunda aos pés do primeiríssimo Escritor, me aventuro a esboçar três esconsos, dispensáveis e breves parágrafos sobre a



O que o Autor nos oferece é um belíssimo conjunto de ficções que em muito soam a retratos da vida real, de tal modo é a capacidade do Cláudio Lima levar o leitor a uma dimensão impressionantemente tangível das personagens, dos ambientes e das peripécias que se desenrolam diante dos olhos, como se de quadros vivos ou de autênticas pessoas em carne e osso se tratasse.



sua escrita, em particular sobre esta última das suas publicações.

E se há momentos, por estes dias de resguardo e confinamento, que parecem demorar uma eternidade, não são seguramente os dedicados à leitura destes “*Contos D`aqui e D`agora*” – mais um desses magníficos livros nascidos do gênio do Cláudio Lima.

O que o Autor nos oferece é um belíssimo conjunto de ficções que em muito soam a retratos da vida real, de tal modo é a capacidade do Cláudio Lima levar o leitor a uma dimensão impressionantemente tangível das personagens, dos ambientes e das peripécias que se desenrolam diante dos olhos, como se de quadros vivos ou de autênticas pessoas em carne e osso se tratasse.

Na verdade, entre a torrente narrativa e a imensa substância do que é contado, cava-se, por esse mesmo fluir enérgico da escrita, uma tamanha diluição de papéis e fronteiras, que nos tornamos depressa,

sem nos apercebermos, participantes e coabitantes de cada história. É, de facto, todo um inexplicável conseguir que sejamos literalmente devorados pelo poder da palavra concomitantemente vívida, expressiva e concisa – talento para proezas e pérolas literárias só concebível em exímios mestres na exigente e bem árdua arte do conto.

Histórias breves mas de uma densidade que em nada lhes tolda o tom airoso, nelas cabe, pois, toda uma incontável polifonia de deleites traduzida em peculiares expressões linguísticas, em parágrafos sobre parágrafos de cativante estilo e graciosidade, em suculentas abundâncias de diálogo, em levas de bem condimentada sensualidade e num considerável manancial de pitorescos cenários, topónimos e alcunhas – condimentos de um maravilhamento que nos persegue (e prossegue) ao virar de cada página.

Bastaria, para ilustrar tão pingue dose de destreza e de desfrute, re-



Histórias breves mas de uma densidade que em nada lhes tolda o tom airoso, nelas cabe, pois, toda uma incontável polifonia de deleites traduzida em peculiares expressões linguísticas, em parágrafos sobre parágrafos de cativante estilo e graciosidade, em suculentas abundâncias de diálogo, em levas de bem condimentada sensualidade e num considerável manancial de pitorescos cenários, topónimos e alcunhas (...)



correr a umas quantas citações de fino quilate coletáveis à mancha num desfolhar pelas páginas: mas por certo que nenhum leitor admitiria receber de mão alheia este ou aquele excerto em vez de por si mesmo o recolher, ainda para mais em detrimento de tantos outros extratos apetecíveis, de igual fascínio ou de idêntico primor.

Ora, aqui chegados e juntando à inquestionável qualidade técnico-literária a vertente sociológica e profundamente humanista que é transversal à generalidade destas narrativas, retratando a um tempo muito da nossa tradição e da nossa contemporaneidade, vivências, (des)ajustes, subversões, ilusões, projeções e pesadelos: estes “*Contos D’aqui e D’agora*” são de leitura absolutamente aconselhável – sugestão, de resto, tão pacífica quanto é claro que tal ato resultará numa viagem compensadora e verdadeiramente aliciante para quem tome a feliz decisão de a empreender.

Tanto que essa mesma viagem, para além de ser altamente recomendável em termos de excelente companhia literária, também o é pelo convívio com o cidadão autorizado, que vive a elevação da vida com o mesmo rigor e apuro com que através da Literatura tenta deixá-la mais engrandecida para os outros e para o bem-estar da Humanidade. Um Homem e um Escritor que muito tem contribuído com generosidade e genuinidade para a promoção de novos autores, sem se acomodar no patamar que legitimamente lhe cabe e que muito mais alto falaria, não fosse a vertente mercantilista ou os critérios de capelinhas que estão na base e na raiz do palco de tantos renomados que cirandam sem luz própria e sem substrato por aí. Uma circunstância que, de resto, só acaba por vincar ainda mais a verdade, a paixão, a independência e a liberdade com que o Cláudio Lima tem exercitado o seu talento e vivido as Letras hon-

rando-as com o seu próprio timbre e o seu próprio cunho, apenas permeável à eventual influência e sobretudo à confluência de qualidade com os melhores, os mais originais, os mais genuínos, os mais incólumes e os mais livres. Um exemplo, portanto, de arte e integridade que, como em síntese não nos cansamos de reafirmar, nos prende e nos preenche – tão digno de admiração e do nosso mais que justo investimento de imitação, de grata estima e de apaixonada leitura.